



## A mulher professora e a professora mulher: um estudo acerca da responsabilidade docente

Maria Alice Schuch<sup>1</sup>

*Subtema: A pedagogia da responsabilidade. Educação para autonomia.*

### Resumo

Este estudo objetiva compreender as possíveis relações entre os gêneros, a prática docente e a percepção do grau de satisfação pessoal, social e profissional de professoras da educação básica, alunos e pais de duas escolas de uma comunidade escolar da região central do Estado do Rio Grande do Sul. Trata-se de um estudo diagnóstico-avaliativo que integra a abordagem qualitativa à abordagem quantitativa: esta, a pesquisa quantitativa, possibilita uma análise estatística na descrição dos dados, considerando a qualidade do fenômeno estudado; aquela, por sua vez, volta-se para a essência dos fenômenos humanos e sociais. Assim, a integração de dados quantitativos com análise qualitativa permite uma triangulação de conclusões de modo a obter maior confiabilidade dos resultados. Verifica-se uma dicotomia presente na vida das professoras, uma vez que elas se colocam entre o papel que a sociedade ditou-lhes e o modo de vida que elas exercitam. De forma semelhante, as mães vivem uma dualidade entre o que é certo para a sociedade e o que é certo para elas: escondem-se diante da submissão, do apagamento de si, enquanto os alunos vivem uma situação de comodismo, satisfeitos com o *status quo*, ao mesmo tempo em que se opõem a ele. Diante do exposto, avalia-se como necessária uma capacitação das mulheres professoras, fornecendo-lhes instrumentos que facilitem o exercício da própria autonomia profissional de modo responsável. Nesse sentido, postula-se como relevante a introdução da Pedagogia Ontopsicológica: uma pedagogia que tem como pontos-chave o respeito à identidade de natureza do sujeito e aos códigos sociais e está adequada a qualquer sistema político, cultural, ou socioeconômico.

### 1. Introdução

Considerar que a autorrealização é um projeto nato é questão basilar para este estudo, uma vez que todo o indivíduo o traz de modo intrínseco, podendo efetivá-lo a partir da construção histórica de si mesmo. Sendo assim, a realização pessoal é uma tarefa que compete a cada sujeito, livre, responsável, que a faz – ou deve fazê-la - de modo ético e criativo, guardando-se as especificidades de sua natureza. Com base nisso, o presente estudo enfoca qual é a percepção que mulheres – professoras em duas escolas da Quarta Colônia de Imigração Italiana – têm de si mesmas e como lidam com as dificuldades inerentes ao seu fazer pedagógico. Além disso, tem, como objetivo geral, compreender as possíveis relações entre gênero, prática docente e grau de satisfação (pessoal, social e profissional) das referidas profissionais da educação básica da região central do Estado do Rio Grande do Sul nas suas relações com a comunidade escolar, ou seja, com os alunos e com os seus pais. Especificamente, trata-se de desenvolver o seguinte percurso: avaliar de que modo a satisfação de ordem pessoal e social interfere nas práticas docentes; identificar questões relacionadas ao gênero feminino com a escolha profissional do magistério e a atuação docente; analisar as percepções das professoras acerca de seu estado emocional com as atitudes comportamentais e do desempenho dos alunos no processo ensino-aprendizagem de sala de aula e vice-versa e compreender como os pais dos alunos percebem a relação entre estado emocional da professora e aprendizagem escolar de seus filhos.

Conforme o descrito anteriormente, além das professoras, a pesquisa contemplou alunos e alunas, assim como pais e/ou mães dos estudantes, de duas escolas, verificando em que medida a postura das professoras em sala de aula interfere na autonomia e atitude responsável do aluno (ou da aluna). O referido estudo encontra-se em consonância com as metas propostas pela ONU – Agenda 2030 – propostas para o Desenvolvimento Sustentável (ODS)<sup>2</sup>, mais especificamente com relação ao quarto e ao quinto ODS, a saber, “Alcançar a educação de qualidade para todos” e “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”, respectivamente.

## ***2. Desenvolvimento***

A história mostra que a condição de professora, em nosso país, nasce com um papel social secundário e sob a égide da tutela masculina – da mulher que serve ao seu senhor, ao pai e ao esposo. À mulher era destinada apenas a formação em Pedagogia ou Letras (Filha T. Pizarro, Cavalcanti, J. B. U. in: Atas e Congresso de Instrução do Rio de Janeiro, 1884). Gradativamente, esse quadro foi se modificando com o empoderamento da mulher, a ponto dela se constituir um dos pilares da sociedade contemporânea. Todavia, nos casos em que o estigma da hierarquia social ainda se encontra enraizado, cuidar e educar, assim como o incumbir-se do trabalho doméstico, são tarefas vistas como funcionamentos inerentes à natureza das mulheres (Schuch, 2013).

Estudos mostram que, independentemente da idade, da classe social, da definição nacional, religiosa ou política das mulheres, a maternidade e o matrimônio são as esferas vitais que organizam e formam os modos femininos de vida. Ser mãe e esposa significa, para as mulheres, viver de acordo com as normas que expressam o seu ser para os outros. Em outras palavras, realizar atividades de reprodução e ter relação de servilismo voluntário, com o dever e o poder encarnado nos outros, nas suas mais variadas manifestações, é estar em consonância consigo mesma e com o mundo que a cerca, que a tem. Na feminilidade destinada às mulheres, elas podem sim realizar a sua existência maternal e podem, da mesma forma, ter o altruísmo como características essenciais do gênero (Beauvoir S., 2009; Boudieu P., 2002; Lagarde M., 1993; Lagarde M., 2008; Coria, 2004; Meneghetti A., 2013; Dirani Z., 1986; Belloti E. G., 1983). Caetano e Neves (2011) discutem a trajetória das mulheres no exercício do magistério, identificando a feminização da profissão docente como um dos fatores de desvalorização desse trabalho. Os autores realizaram um estudo histórico, desde o período colonial no Brasil até os dias atuais, articulando as políticas públicas com as diferenças existentes entre homens e mulheres na práticas social, econômica e educacional.

Ferreira (2012), por sua vez, discute a constituição da docência em professoras dos anos iniciais da educação básica. A autora utilizou, como processo de investigação, a análise de registros orais das histórias de vida de professoras pertencentes à Ilha do Mosqueiro, Belém (PA). A pesquisa está baseada em entrevista não estruturada, realizadas no período de dois anos.

A autora menciona que os resultados indicam que o magistério é uma profissão marcada pelas experiências de vida das professoras e que a própria formação profissional assume um lugar muito particular ao se articular com essas experiências.

Em relação à tarefa docente, principalmente quando dirigida às crianças, Fernandez (1994) aponta uma sobrecarga depreciativa à mulher, tendo em vista que o cuidado e a educação de crianças é tarefa feminina. Esse entendimento resulta no esvaziamento do trabalho docente, pois está associado a uma atividade de pouca visibilidade social, pouco rentável e a até mesmo como extensão do trabalho doméstico, constata a autora. Entende também que não apenas as crianças sofrem infantilização, mas também as professoras, quando usadas pelo sistema como agentes que mantêm o espaço educativo. No contraponto, quando a professora adentra o espaço escolar ciente da sua capacidade e liberta dos estigmas sociais, possui maiores probabilidades de alcançar o sucesso, isto é, assumir sua liderança em sala de aula, obter satisfação profissional na realização do seu projeto de vida como educadora (Schuch, 2013).

Cabe esclarecer que este artigo se constitui num recorte da tese de doutoramento da autora, apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação Contínua, Universidade SEK, considerando-se, por isso, a relevância do tema. Assim, além de o presente estudo buscar entender as possíveis relações entre gênero, prática docente e grau de satisfação (pessoal, social e profissional) de professoras da educação básica, de duas escolas situadas na região central do Estado do Rio Grande do Sul, conforme já referido, procura-se também identificar questões relacionadas à escolha do magistério como profissão e analisar as percepções das participantes acerca de seu estado emocional com as atitudes comportamentais e o desempenho dos alunos no processo ensino-aprendizagem.

A presente investigação caracteriza-se como um estudo diagnóstico-avaliativo, que integra a abordagem qualitativa à abordagem quantitativa. A compreensão dessas abordagens de pesquisa pressupõe relacioná-las às correntes paradigmáticas que têm norteado as investigações no decorrer da história (Triviños, 1990). Portanto, este estudo segue a corrente fenomenológica de pensamento, é descritivo e tem, como orientação, os pressupostos que fundamentam as diferentes abordagens de pesquisa.

O *locus* de estudo compreende a 4ª Região de Imigração Italiana, situada na parte central do Estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente, duas escolas de ensino fundamental. Tendo como parâmetro a amostragem não-probabilística, o tamanho da amostra foi definido pela conjugação de dois critérios. Inicialmente, considerou-se que, para a realização de grupo focal, o número ideal seria entre oito e 10 participantes. Barbour (2009) explica que, tradicionalmente, o número de pessoas recrutadas para participar de um grupo focal seria de 10 a 12. Em segundo lugar, considerou-se também o critério de saturação, especialmente nas entrevistas individuais, sendo que, além delas, foi aplicado um questionário.

Participaram do estudo 10 professoras, 10 alunos de ambos os sexos, que frequentavam a sétima e a oitava série, além de 10 pais, sendo, praticamente, mães, pois, em apenas um encontro compareceram dois pais. Cabe esclarecer que a participação foi voluntária e foram

observados os critérios éticos relativos à pesquisa que envolve seres humanos, como a garantia da manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes, a liberdade de o participante recusar-se ou retirar o seu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem sofrer qualquer penalização e, ainda, a garantia de que os dados da pesquisa serão utilizados para fins acadêmicos com possíveis publicações em eventos e/ou periódicos científicos.

Entre as professoras, surgiram algumas questões pertinentes ao fazer didático-pedagógico e a esta abordagem acadêmica, entre elas, a dificuldade no trato com os alunos e a necessidade de superar problemas como o da evasão escolar, da reprovação e da frequência ocasional, isto é, da situação em que o aluno assiste às aulas para não perder benefícios sociais concedidos pelo governo federal. Ademais, pode-se elencar a ausência de um salário compatível com as tarefas do professor e que se expressa no piso nacional da categoria, a violência física e psicológica familiar que acompanha os alunos em sua ação na sala de aula, além da sexualidade exacerbada, a efetiva prática de sexo entre adolescentes e a falta de vontade dos jovens de saírem da dependência familiar com o propósito de conservar suas “mordomias”, propiciadas por pais e mães. Observou-se também, nas entrevistas e no grupo focal, uma queixa recorrente, a qual se refere à ausência dos pais no acompanhamento dos estudantes, e, como decorrência disso, emergem o cansaço, a impotência das professoras que, em muitos casos, se mostram incapazes de conformar o seu próprio projeto de vitória como ser humano. Essas professoras ainda são tributárias de uma sociedade que outorgou à mulher um papel secundário, em que elas prendem-se à figura do masculino, daquele que realiza, faz acontecer e, ainda que sintam uma possibilidade de reação, não se consideram aptas para tal, sentem-se responsáveis, mas não verdadeiramente autônomas. Algumas professoras verbalizaram em tom melancólico: - no tempo dos professores, esta indisciplina, esta falta de respeito não ocorria.

Foco de atenção em outro momento, os alunos parecem indicar que não sentem qualquer responsabilidade pelo aprendizado e nada têm a ganhar ou a perder com isso, seja qual for a sua atitude em sala de aula, nem para o presente, tampouco para o seu futuro. Não há questionamentos quanto ao processo de aprendizagem, nem quanto ao conteúdo ensinado; além disso, parte dos alunos move-se de forma lenta e despreocupada, podendo-se afirmar que 10% a 15% deles evidenciam algum interesse em aprender, enquanto os demais não demonstram qualquer motivação ao saber. De um modo geral, viceja o conformismo, a falta de interesse, a ausência de objetivos, não há alegria, entusiasmo, prazer quanto ao aprendizado que possa ser adquirido na escola e, como corolário, não há o delineamento de um projeto de vida com autonomia responsável, ou seja, as dicotomias primárias de cada um não são superadas.

Quanto às mães, a maioria reconhece dificuldades em lidar com os filhos, seja em relação à falta de vontade de estudar, seja em relação à rebeldia, seja também relativas a questões voltadas para o sexo; nesse quadro, elas admitem a própria incapacidade para transpor essas pendências na formação dos filhos. Por outro lado, há mães que dizem nunca terem enfrentado dificuldades em lidar com os filhos, o que parece uma premissa inválida, porque se sabe que, no relacionamento interpessoal, sempre surgem divergências. No caso presente, parece que essas

mães estão idealizando o relacionamento com os próprios filhos ou os filhos estão respondendo exatamente como elas esperam que eles respondam, constituindo-se a díade mãe/filho como um problema a ser transposto. Ademais, a violência entre os jovens, a falta de limites e o uso exagerado da internet pautam a preocupação das mães. Elas, num processo de reconhecimento, absolvem as professoras de eventuais falhas no ensino dos seus filhos, entendem que as professoras esforçam-se, que é seu dever ensinar. Interessante, neste particular, é que a maioria das mães parece compreender que na escola o dever de ensinar é responsabilidade das professoras, enquanto os jovens indicam também que, na escola, a responsabilidade é das professoras e, em casa, tal responsabilidade fica ao encargo das mães. Perguntados sobre qual seria o papel do jovem quanto à autonomia pessoal e conseqüente responsabilidade no aprendizado, nenhum soube responder, pois, segundo eles, em realidade, ainda não haviam pensado sobre o assunto.

### **3. Resultados**

Pode-se, neste ponto, enunciar sobre alguns elementos decorrentes da pesquisa. Nota-se, por exemplo, que as professoras vivem uma dicotomia entre o papel que a sociedade lhes impôs e o modo de vida que elas suportam. As professoras não conseguiram o empoderamento que lhes permitisse assumir as suas tarefas como autônomas, dotadas de significado para elas e para a sociedade. Já os alunos vivem uma situação de comodismo, estão satisfeitos com o *status quo* e lutam para preservá-lo, não há interesse em transcender as atuais condições, acomodam-se diante dos fatos e das situações. Quanto às mães, elas vivem uma situação de aparente satisfação diante da realidade que lhes é apresentada, mas as suas manifestações verbais denotam dificuldades para lidar com os filhos, com o processo educativo deles, ou seja, a exemplo das professoras, as mães vivem uma dualidade entre o que é certo para a sociedade e o que é certo para elas, escondem-se diante da submissão, do apagamento de si.

### **4. Considerações finais**

O presente estudo teve por objetivo geral compreender as possíveis relações entre gênero, prática docente e grau de satisfação (pessoal, social e profissional) de professoras da educação básica, de duas escolas, situadas na região central do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

Quanto às questões de gênero, uma conclusão teórica e também empírica aponta que a escolha profissional do magistério e atuação docente é historicamente ligada ao gênero feminino. Colocadas em um papel social secundário, as mulheres, desde que passam a frequentar a universidade, com frequência formam-se em Pedagogia ou em outra licenciatura. Essa ideia, ainda se encontra enraizada e mulheres de diferentes estratos sociais ainda optam por fazer cursos da área das Ciências Humanas ou Sociais, por considerarem as Ciências denominadas duras mais adequadas à inteligência masculina. Essa falta de autonomia demonstrada pelas professoras pode ser melhor observada quando associada à maternidade e ao matrimônio,

tendo em vista que o fato de ser mãe e ser esposa significa viver de acordo com as normas que possibilitam realizar a sua existência maternal e o altruísmo, características consideradas essenciais do gênero.

Em relação à hipótese de que o estado emocional da professora interfere nas atitudes comportamentais e desempenho dos alunos em sala de aula, a análise empírica mostra a existência de relação entre essas duas variáveis. O estudo aponta que a insatisfação, a insegurança ou as alterações emocionais de outra natureza, por parte do professor, são percebidas pelo aluno e atinge a rotina da sala de aula de forma definitiva.

Meneghetti (2015, p. 79) afirma que a criança, desde a tenra idade, procura assimilar elementos novos que aumente a sua capacidade, “porém quando encontra um conjunto legal que bloqueia o seu intento, a força impedida faz o percurso inverso: o jovem usa a agressão, procura extorquir ganhos sem nada produzir, provoca o caos social e, desiludido, recorre ao uso das drogas”.

Na conferência *Una Nuova Pedagogia Per La Società Futura*, apresentada na UNESCO em Paris, em 2006, Meneghetti salienta que “a criança necessita saber como a realidade escreve o mundo da vida”. O autor questiona: “quem somos nós, para nos permitirmos inventar o mundo à imagem e semelhança de nossas falências adultas”? (2015, p. 24). Ele define Pedagogia como “a arte de formar o homem-pessoa na função social”. “Nesta definição está tudo”, conclui o autor. Pode-se, então, colher o escopo da pedagogia: “formar o homem”; logo, “é preciso conhecê-lo, sabê-lo”. Prossegue o autor afirmando que “este homem-pessoa não é finalizado a si mesmo, é intrínseco ao social”. (Meneghetti, 2015, p. 15)

Sem perder o foco da questão, é necessário reconhecer que está nas mãos da professora garantir a efetividade da aula. Essa observação reforça a ideia de que o êxito profissional advém, não apenas do domínio do conhecimento do professor, mas, acima de tudo, da sua capacidade de compreender o humano. Assim sendo, é conveniente que, diante das respostas no caso das entrevistadas pelo presente estudo, a equipe pedagógica promova a reflexão, questione e aponte as incoerências, (re)indague-as e conceda-lhes novos significados para a prática cotidiana. Não basta que se fique apenas na constatação, é preciso uma equipe disposta a mudar, a fazer a diferença. A professora é uma técnica encarregada de proporcionar ferramentas adequadas que possibilitem o desenvolvimento do aprendente, não é uma mãe, os papéis são diversos.

Portanto, faz-se necessário um trabalho de formação em pedagogia da liderança pautado na autenticação e no empoderamento da mulher professora para que ela seja capaz de compreender-se, de perceber a sua responsabilidade e de saber a importância que o trabalho do professor representa. Dessa forma, poder-se-á auxiliá-la na consecução responsável deste seu projeto profissional e pessoal, não como mulher, mas, antes de tudo, como um ser humano responsável, pois “a inteligência, não é macho nem fêmea, a inteligência não tem sexo” (Meneghetti, 2013).

Indicamos o estudo e a aplicação da Pedagogia Ontopsicológica como condição basilar para a autenticação de professores e também como possibilidade de formação das novas

gerações, pois o problema é que os adultos não estão preparados para lidar com o grande mundo globalizado em que estamos mergulhados. Tudo parece ter se tornado relativo, e o único valor absoluto que restou é o projeto individual que cada ser humano é, refere Meneghetti (2006), em sua conferência proferida na sede da UNESCO, em Paris.

### 5. Referências

- ABRAHAM, A. *El enseñante es también una persona*. Barcelona: Gedisa, 2000.
- BARBOUR, R. *Grupos focais*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BELLOTTI, E. G. *Educar para a submissão*. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BELLOTTI, E. G. *Educar para a submissão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CAVALCANTI, J. B. U. Coeducação dos sexos nas escolas primárias, nos estabelecimentos de instrução secundária e nas escolas normais. In: CONGRESSO DE INSTRUÇÃO DO RIO DE JANEIRO. *Atas e Pareceres*. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1884.
- CAROTENUTO, M. *La Paideia Ontica*. Roma: Ontopsicologica Editrice, 2012.
- CONGRESSO DE INSTRUÇÃO DO RIO DE JANEIRO. *Atas e Pareceres*. Rio de Janeiro: Tipographia Nacional, 1884.
- CORIA, C. *El sexo oculto del dinero*. Argentina: Paidós, 2004.
- DEL PRIORE, M. Magia e medicina na Colônia. In: DEL PRIORE, M. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DIRANI, Z. *O despertar da mulher é o despertar do homem*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1986.
- FERNANDEZ, A. *A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporeidade e da aprendizagem*. Porto alegre: Artes Médicas, 1994.
- FILHA, T. P. Organização do ensino secundário para o sexo feminino. In FILHO, A. H. de S. B. *Escolas Normais – Sua organização, plano de estudos, métodos, programas de ensino*. In: CONGRESSO DO RIO DE JANEIRO. *Atas e pareceres*: Typografia Nacional, 1884.
- LAGARDE, M. *Amor y sexualidad, una mirada feminista*. Madrid, 2008.
- LAGARDE, M. *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. México: Universidad Nacional de Mexico, Colección Postgrado, 1993.

MENEGHETTI, A. *Una nuova pedagogia per la società futura*. Paris: Accademia Internazionale di Informatizzazione N.G.O. in General Consultative Status with the ECOSOC of United States, 2006.

MENEGHETTI, A. *A feminilidade como sexo, poder e graça*. Recanto Maestro: Universitária, 2013.

MENEGHETTI, A. *Cultura e educação: uma nova pedagogia para a sociedade futura*. Recanto Maestro: Universitária, 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Objetivos do desenvolvimento sustentável (ODS)*. Disponível em <http://plataformaods.org.br/> em 08 de julho de 2016, às 11h:00min.

SCHUCH, M. A. *Mulher: aonde vais? Convém?* Recanto Maestro, Ed. M.A.S., 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.